

Mocidade Cristã

Ano XVII

Outubro a Dezembro de 1955

Número 89

Uma palavra aos pais cristãos

Às vezes, quando visitamos as casas de crentes, o pai ou a mãe apresenta os filhos dizendo: «Mariazinha e o pequeno José são crentes também». Por que são «crentes», êsses pequenos? A razão, provavelmente, é porque a mãe lhes perguntara em tempo passado: «Você é crente, não é?» E o filho respondera: «Sim, mamãe, sou crente». É natural que o filho deseja agradar a seus pais, embora neste caso, não entenda que quer dizer «crente». Os pais pensam pouco das conseqüências serias de tal confissão. Como podem, depois, orar pela conversão do filho, que já tomou o lugar de «crente»? Enganam o filho no assunto de mais importância nesta vida e na futura.

Minha mãe nunca me enganou desta maneira. Foi-me ensinado, na infância, que meu nome era «pecador perdido», e a salvação da minha alma seria a coisa mais importante na vida. Fui batizada quando criança (por imersão), porque meus pais criam em batismo familiar. Felizmente eles não tinham a idéia de que, por isso, seu filho era «herdeiro do reino» ou um cristão. Minha mãe era muito evangélica, mas receiava hipocrisia nos filhos. Por isso, eu bem sabia que não ganharia nada por dizer que era «crente». Ela, às vezes, visitava uma família com muitas crianças e todas diziam ser «crentes», especialmente durante as visitas. Algumas delas subiram a um quarto e, ponde-se de joelhos à beira da cama, oravam em voz alta, esquecendo-se de fechar a

porta, como recomenda o Senhor. A mãe daquelas crianças sentiu-se muito satisfeita com esta manifestação de piedade juvenil e convidou minha mãe para ficar ao pé da escada para escutar as orações. Ela, porém, sentiu um ardente desejo de subir ao quarto, puxar as orelhas daqueles hipocritas pequenos e mandar todos saírem e brincar. Nenhum deles se converteu depois; todos trouxeram tristeza ao pai, homem realmente piedoso.

Esta advertência não é escrita para desanimar os pais a conversar com os filhos sobre o Evangelho, mas somente para evitar uma confissão insincera da parte deles.

Um erro moderno dos pais, professores e pregadores é ensinar demais coros que expressam experiências espirituais que não são verdadeiras. Os melhores coros são aqueles que apresentam a Pessoa, a vida, a morte, o amor e a salvação de Cristo.

W. Anglin

Nossas Hinos

Um dos hinos mais populares foi escrito no século XVIII por Augusto Toplady, ministro evangélico. Há, pelo menos, quatro traduções na língua portuguesa. A melhor é a do Sr H. Maxwell Wright (número 123 de «Hinos e Cânticos») Outra tradução está no «Cantor Cristão», número 371. Em «Salmos e Hinos» há duas traduções, ambas igualmente defeituosas, números 274 e 432.

O hino original foi escrito durante uma tempestade. O Sr Toplady viajava certo dia a pé sobre uns morros

no oeste da Inglaterra, quando veio uma forte tempestade de chuva e ele abrigou-se numa grande fenda entre dois rochedos, enquanto a chuva passava, e empregou o tempo escrevendo este hino. O abrigo entre as rochas sugeriu os pensamentos do hino. A música mais popular é chamada «Redhead» o nome também do compositor; mas há várias outras. Esta música encontra-se nos livros de música «Salmos e Hinos» número 274, e «Hinos e Canticos» 123.

Para celebrar o bi-centenário do nascimento do autor deste hino, em 1940, um cântico subiu até ao lugar onde o hino foi escrito para cantá-lo. O cântico, porém, achou mais 25,000 pessoas ali para ajudá-lo a cantar!

Augusto Toplady escreveu outros hinos, mas somente «Rocha Eterna» se tornou popular.

Dizem que o Sr. Gladstone, o maior estadista da Inglaterra no século passado, enquanto assentado no Parlamento, durante um discurso de outro membro, traduziu este hino para o latim.

Missionários na Índia

(Continuação)

A Senhora respondeu:

«Aquêle é o Senhor Jesus Cristo, o único Filho do Deus verdadeiro e vivo. Ele ama os meninos e as meninas da Índia e quer que eles O amem.» Kola olhou, admirada. Tal coisa parecia incrível. Os deuses dela não amavam, mas somente mandavam o mal. Então ouviu a voz do marido chamando-a. A senhora bondosa, com voz doce, pôs um pequeno livro na mão de Kola, que o escondeu na manga.

Na mesma noite examinou o livro.

Tinha o mesmo quadro que vira, mas menor. Não sabia ler, mas podia olhar o quadro. Muitas vezes repetiu: «O Senhor Jesus Cristo, o único Filho do Deus verdadeiro e vivo, ama os meninos e as meninas da Índia e quer que eles O amem».

No dia seguinte o marido adoeceu com febre. Era pneumonia, mas o povo disse que eram espiritos maus. O doente morreu e Kola devia sofrer.

Durante semanas Kola suportou bofetadas e fome. Ninguém pensava dizer-lhe uma palavra bondosa, pois era uma «viúva maldita». Antes do domínio britânico era costume queimar as viúvas, mas a lei inglesa já proibira tremenda crueldade.

Uma noite, depois de semanas de perseguição, Kola ficou deitada na casinha, com os ratos que corriam. Não podia dormir. Durante horas pensava no seu precioso quadro, sentindo que o maravilhoso Senhor Jesus a amava, pois a senhora branca assim falara. Ela dissera: «meninos e meninas», mas não «viúvas». Então pensou: «Ele não pode amar uma viúva, uma pessoa maldita». Kola geme — ela amava o Homem de belo rosto. Duas horas depois saiu silenciosamente, passa pelas sombras da aldeia. Formara um plano desesperado. Não podendo mais agüentar as bofetadas e a fome, resolveu ir a Masri, onde vira a senhora branca e perguntar-lhe: «Será que o Senhor Jesus Cristo ama viúvas?»

Pedindo esmolas, dormindo em qualquer abrigo, chegou, afinal, à cidade de Masri. Rodeou o mercado, mas não viu a senhora com os quadros. Perguntou, timidamente, a uma vendedora de frutos acerca do povo branco. Recebeu a resposta de que moravam léguas adiante, nas montanhas, e somente freqüentavam o mercado durante os dias de festas religiosas. Desapontada, Kola pensava:

Como seria possível chegar até lá? Seus pés sangraram. Tinha muita fome. Cansada e fraca, foi, contudo, arrastando-se, rumo às montanhas. As trevas envolveram a terra e a lua surgiu no céu. De repente ela ouviu uma fera rugir. Escondeu-se com o coração batendo forte. Sentiu-se esgotada. Viu então dois grandes olhos luminosos aproximando-se rapidamente e fazendo um barulho que nunca ouvira. Kola ficou horrorizada e, quando o monstro chegou perto, caiu na estrada sem sentidos. Era porém, um automóvel. O motorista viu em frente um montão, parou imediatamente, pulou do carro com seu filho e ajoelharam-se ao lado de Kola. O homem, um médico inglês, examinando-lhe o coração, disse: Está viva, mas devemos levá-la à casa, depressa.

Quando Kola abriu os olhos, ficou admirada. Sentiu-se muito bem acomodada, numa cama limpa e macia. Uma luz brilhava duma lâmpada elétrica, pendurada em cima, o que ela estranhava. Viu alguém chegar e ficou admirada quando verificou ser a senhora branca com os olhos azuis, e perto dela um homem vestido de branco com rosto muito bondoso, que pôs a mão fresca na testa febril. Kola pensou: «É Ele». Disse ao homem:

— O' Senhor Jesus Cristo, sou uma viúva-criança, uma maldita, pode o Senhor me amar?

Era o Dr. Harcourt (missionário e médico do hospital Evangélico) Surpreto, respondeu:

— Eu não sou o Senhor Jesus Cristo, pequena, sou apenas um dos Seus servos, mas sei que Ele ama você

— Viúvas? ela perguntou

— Sim, viúvas.

Kola então perguntou

— Posso amá-Lo?

— Sim, pequena, ama-O com todo o coração, como eu O amo também.

Kola ficou satisfeita, descansou e dormiu. O filho do médico perguntou a seu pai se não haveria perigo de os parentes tirassem, mas o pai respondeu que não, e, quando a menina melhorasse, poderiam enviá-la a uma escola da missão.

Estudo sobre a primeira epistola aos Coríntios

Capítulo 1

continuação

Depois das saudações, traz o apóstolo à lembrança dos cristãos em Corinto as bênçãos que receberam em Cristo e a sua vocação. Embora fosse a igreja mais carnal a que Paulo escreveu, nenhuma outra possuía mais dons espirituais. A vocação (v. 9) é a mesma para todos que respondem à chamada do Evangelho. Havia UMA comunhão e há UMA só hoje—a «comunhão de Cristo». Deus não tem adaptado seus pensamentos para conformar-se com as idéias dos homens de hoje. Um irmão nos disse que as divisões na Igreja tinham a vantagem de produzir competição entre os partidos! Respondemos que a sabedoria de Deus é melhor do que os erros dos homens.

No versículo 10, o apóstolo começa a crítica dos erros e das loucuras na igreja de Corinto. O primeiro é o sectarismo. Naquêle tempo não era tão desenvolvido como hoje. Os coríntios não se separavam eclesiasticamente, e cada partido não edificara sua própria «Casa de Oração». Reuniam-se todos, mas havia o espírito de divisão. Cada partido tinha seu líder, cujo nome o apóstolo não queria men-

cionar, mas substituiu os nomes dos três servos de Deus: Paulo, Pedro (Cefas) e Apolo (Cap. 4:v.6). Provavelmente alguns disseram: «Paulo é nosso pai na fé, por isso é nosso chefe...» outros: «Mas Apolo é mais eloquente e fala nossa língua melhor (grega), pois estudara em Alexandria (Atos 18:24). O partido judaico talvez dissesse que Pedro (Cefas) era o apóstolo principal e escolhido por Cristo, por isso devia ter a primazia. Outro partido usava o nome de Cristo num sentido denominacional. Este nome, porém, deve ser o símbolo de união e não de divisão ou separação entre cristãos. Eram «todos um em Cristo Jesus».

O remédio é na pregação da cruz. Em Cristo crucificado vemos o poder e a sabedoria de Deus, mas a maldade e loucura dos homens. A cruz era «escândalo» para os judeus, porque dizia sua lei: «Maldito todo aquele que fôr pendurado no madeiro». Era loucura para os gregos, que se gloriavam em seus heróis vitoriosos, seus filósofos sábios e seus oradores eloquentes. A crucificação parecia-lhes uma vergonha e derrota completa. Paulo, porém, gloriava-se na cruz, era seu estandarte e assunto da sua pregação. Não se envergonhava do Evangelho. Nossa glória não está na sabedoria dos homens, mas «aquele que se gloria, glorie-se no Senhor».

História dos Judeus

Nossa história agora está chegando perto do acontecimento de maior importância nos anais da humanidade. Deus preparava o caminho para a vinda de Seu Filho. O quarto Reino da profecia de Daniel, o poder romano, dominava o mundo civilizado, e

já subjugava a Síria e Palestina. Roma, durante uns séculos era república e governada por um senado até o ano de 49 A. C., quando Julio César se declarou ditador. Era um grande general e de extraordinária habilidade. Era também escritor, e seus livros, descrevendo suas vitórias na Galia (França) são bem conhecidos hoje pelos estudantes de latim. Foi assassinado por homens, como Bruto, que, professando-se amigos, acusaram-no, contudo, de desmedida ambição. Então travou uma guerra civil entre os rivais, Marco Antonio e Otávio, sobrinho e filho adotivo de Julio César, que, finalmente, ganhou a vitória na batalha de Actum, no ano 31 A. C. Marco Antonio e sua amante, Cleópatra, do Egito, suicidaram-se. A Otávio foi dado o título de ditador, mas, depois, foi declarado Imperador, com o título de Augusto César. Seus sucessores tomaram o nome de «César», embora somente os primeiros fossem parentes de Julio César. Lemos em Lucas 2:1 que Augusto César decretou que todo o mundo se alistasse, mas não imaginava que fazia a vontade de Deus, que Maria, uma mulher humilde de Nazaré, viajasse a Belém antes de nascer seu filho, Jesus. É provável que pensava em impostos para a manutenção do império e de seu exército.

Mas voltemos a Judéia. Herodes, o idumeu (descendente de Esau) ganhara o favor de Julio César e, mais tarde, quando foi a Roma, Marco Antonio persuadiu o Senado de Roma a declarar Herodes rei de Judéia. Voltou à Palestina, mas encontrou muitas dificuldades, e sobre tudo, Antígono, filho de Aristóbulo, que Pompeu enviara a Roma como prisioneiro, sendo libertado, voltara a Jerusalém. Sendo da família querida de Hasmoneanas, governava Jerusalém. O povo preferia um membro desta ilustre família

a Herodes, um edumeu. Em nosso último numero, deixamos Hircano II restaurado a seu lugar em Jerusalém, ajudado por Antipater (pai de Herodes) e por Pompeu, o general romano e seu título foi, depois, confirmado por Julio César. Mas os Partos invadiram Judeia e levaram cativo Hircano, e os Judeus colocaram em seu lugar o seu sobrinho, Antigono. Herodes, com o exército romano, cercou Jerusalém, que resistiu por cinco meses antes de ser capturada. Quando a tomaram, os soldados romanos começaram a saquear a cidade, mas Herodes deu a todos muito dinheiro para poupá-la. Marcos Antonio visitou Herodes, e depois ia levar Antigono a Roma, mas Herodes deu-lhe uma grande soma de dinheiro para matá-lo. A cidade foi tomada no ano de 37 A. C.

Herodes, afim de legalizar sua posição como rei dos Judeus, casou com Mariana, da família Hasmoneana. Era filha de Alexandre, filho de Aristóbolo I. Alexandre, também, tinha um filho chamado Aristóbolo. Tanto Mariana como seu irmão eram notáveis pela formosura, Herodes convidou Hircano para voltar a Jerusalém. Quando veio, tratou-o com muito respeito, embora fingido, e mais tarde mandou assassinar esse venerável membro da família Hasmoneana, que fora amigo de seu pai, Antipater, e prestara favores a Herodes em tempos passados.

Herodes era homem de muita habilidade. Mandou construir vários edifícios, inclusive o Templo, que reconstruiu. Deu a cidade um melhor suprimento de água. Seu caráter, porém, era maculado de suspeitas, ciúmes, invejas e crueldade. Aristóbolo, embora jovem, foi feito Sumo Sacerdote para agradar aos Judeus. Ele era muito querido pelo povo, e

sua figura alta e nobre atraía a atenção de todos. Herodes ficou ciumento dele e arranhou com alguém para afogar Aristóbolo, enquanto tomava banho, perto de Jericó. Mais tarde, levado de ciúmes pela esposa, Mariana, mandou executá-la. Por ela Herodes tinha dois filhos, Alexandre e Aristóbulo, os últimos membros da família Hasmoneana. Antipater, filho mais velho de Herodes por outra mulher, tendo inveja destes filhos de Mariana, acusou-os ao pai, que mandou estrangulá-los. Assim a família dos Hasmoneanas ficou extinta. Cinco dias antes de morrer, Herodes mandou executar o filho Antipater, seu herdeiro.

Podemos entender facilmente por que, quando os magos chegaram a Jerusalém, procurando «O Rei dos Judeus», Herodes teve um ataque de arrepios, e, quando eles não voltaram a Jerusalém, depois de sua visita a Belém, o rei ficou furioso e mandou matar todas as crianças em redor de Belém. Herodes morreu no mesmo ano, sem deixar saudades.

Correspondência

Um leitor chamou nossa atenção para um artigo em certo jornal evangélico, no qual o escritor (cujo nome não é mencionado) zomba da credulidade das pessoas que acreditam que a história de Jonas, engulido por uma baleia e depois vomitado em terra seca três dias depois, figurava a ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Há três referências a Jonas nos Evangelhos (Mat. 2:39 e 16:4, Lucas 11:29.)

E' impossível pensar que ambos os evangelistas imaginaram a mesma

profecia acêrca da ressurreição do Senhor, e, por isso, a inferência lógica das palavras no jornal é que o Senhor Jesus mesmo foi enganado e acreditava numa história fabricada. Mas Ele sabia o futuro e profetizou a Sua ressurreição no terceiro dia! Sabia que Seus discípulos acreditavam na história de Jonas, mas não zombou da sua credulidade, como o escritor deste artigo faz de nossa simplicidade em acreditar nas palavras do nosso Senhor. Mas qual é o motivo de assim desprestigiar as palavras do Senhor e das Escrituras e ofender os crentes simples? Os modernistas devem escrever tais críticas da Palavra de Deus e do Senhor Jesus em livros seculares e atípicos e não em jornais evangélicos. Cremos que as palavras do Filho de Deus são infalíveis. Nossa salvação eterna depende das verdades que o Salvador ensinava.

Jesus disse também: «Os ninivitas ressurgirão no juízo com esta geração e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas». Como podem os ninivitas fazer isto no futuro, se nunca se arrependeram com a pregação de Jonas? Arrependimento foi pregado aos ninivitas por um homem ressuscitado, e Pedro pregou arrependimento ao povo de Jerusalém no nome de um Homem ressuscitado.

Vamos tomar uma testemunha que não era inspirada: Josefo. Era judeu, fariseu, patriota que pelejou contra os inimigos romanos, e depois de ser preso, tornou-se amigo do general Tito (depois imperador). Escreveu diversos livros na segunda metade do primeiro século e um deles, «As Antiquidades», descreve a história de seu povo, os hebreus. Com certeza, ele deve saber um pouco mais da história de seus patrícios

do que um modernista no século XX sabe da nação que morava num país nunca por ele visitado. Josefo descreve Jonas como profeta nos dias de Jeroboão II, filho de Joash (Reis 14:25) Ele dá mais informações do que encontramos em nossas Biblias. Descreve em suas próprias palavras como Jonas foi enviado por Deus para pregar arrependimento aos ninivitas, mas fugiu para «Tarsus» (?) e na tempestade foi lançado pelos marinheiros ao mar e engulido por uma baleia que, depois de três dias, o vomitou vivo e sem dano. Então Jonas foi e pregou aos ninivitas. Josefo acrescenta: «tenho contado esta história como achei escrito em nossos livros». O período foi no século nono antes de Cristo. Ninive foi destruída totalmente pelos persos no ano 612 antes de Cristo, deixando somente um montão de terra, como foi achado pelos arqueólogos no século passado. Um romancista não saberia nada do tamanho da cidade dois séculos antes do Senhor, como conhecida por Jonas. Josefo não sabia nada deste «romancista» e sendo historiador cuidadoso, não se interessava em gente que fabricava «histórias» dos profetas. Ele escreveu: «Desde Artaxerxes até aos nossos dias (primeiro século da era cristã) escreveram-se vários livros: mas não os consideramos dignos de confiança idêntica aos livros que precederam, porque se interrompeu a sucessão dos profetas. Esta é a prova do respeito que temos pelas nossas Escrituras. Ainda que um grande intervalo nos separe do tempo em que elas foram encerradas, ninguém se atreveu a ajuntá-lhes ou tirar-lhes uma única sílaba».

O rei da Persia Artaxerxes II subiu ao trono no ano de 404 antes de Cristo e reinava quando o livro de Malaquias foi escrito. Mas dizem os modernistas do século XX que o no-

velista escreveu «Jonas» no segundo século antes de Cristo, e os Judeus aceitaram esta imposição! Admiramos a credulidade dos modernistas, que podem engulir esta história de «Jonas»! Faria um fundamentalista vomitá-la. Seria necessário ter a capacidade de uma baleia.

* * *

Concordo muito que os crentes não devem ser preocupados demais com a quantidade de água usada em seu batismo. Aquêles que já foram batizados não precisam pensar mais no assunto, mas devem ficar satisfeitos com seu batismo de qualquer forma administrada. Se nós não concordamos com o modo que eles preferem, devemos usar tolerância. Há irmãos que não querem ouvir alguém (senão eles mesmos) discutir o assunto, receiando qualquer sugestão que indica a possibilidade de terem errado. A questão é: como podemos ensinar à mocidade as verdades ensinadas em Romanos VI, sem irritar irmãos que não querem que o assunto seja discutido?

Assisti, um domingo, a Santa Ceia com a intenção de ensinar as verdades de 1 Cor. 10 acêrca de comunhão fraternal, simbolizada em todos participarem em UM pão. Chegando à reunião descobri que o pão na mesa já fora cortado em cubos. Por isso, depois da Ceia, achei impossível explicar o capítulo. Quando a forma do símbolo é mudada, o ensino muda-se ou acaba-se. Assisti numa ocasião um batismo, e descobri que seria administrado por aspersão e, por isso, não podia explicar a significação do rito ensinado em Romanos VI, que é tão importante na vida nova do can-

didato. Como pode aspersão simbolizar a morte e o sepultamento?

Aspersionistas (a não ser os ignorantes) admitem que a palavra «batismo» originalmente significava imersão e que era praticado assim na igreja primitiva. Mas, como uma desculpa para praticar aspersão, citam casos no Novo Testamento que (dizem eles) não foram imersões por causa das dificuldades que teriam impedido este modo. Não conheço um caso sequer no Novo Testamento que apresenta tal dificuldade, mas concordamos que algumas vezes, hoje, surgem tais dificuldades. Um bem conhecido escrito no segundo século explica que, em casos onde não tivesse água suficiente para imersão, o candidato devia ficar em pé no córrego enquanto água é derramada sobre ele três vezes. Temos encontrado casos semelhantes. Uma vez era duma mulher de fraca saúde e na outra ocasião a água era insuficiente. Nestes casos derramamos água nos candidatos. Exceções, porém, provam que há uma regra. Em minhas viagens tenho passado 24 horas sem comer refeição. Em uma destas ocasiões descobri uma banana no caminho que me levava, e comi-a. O dia depois, porém, não disse a meu hospedeiro que minha regra daquele dia em diante seria a de comer somente uma banana por dia, pois poupa tempo, dinheiro, trabalho, lenha e serviço duma cozinheira.

Um irmão escreve que aspersão era costume pagão. Pode ser, mas era também costume judaico. Não era costume cristão antes do tempo que o papa o sancionou. Os judeus tinham os ritos de aspersão e de ba-

tismos. O irmão deve ler Hebreus 9:10 e 13. Nestes dois versículos o apóstolo faz a distinção, porque a palavra «abluções» em versículo 9 é batismos. Aspersão é mencionada em vers. 13, mostrando a distinção. O irmão deve examinar a referência: Números 9, e notar a diferença entre a aspersão da água das cinzas e as «abluções» que são banhos ou batismos.

Temos a evidência da história. Sabemos que durante os primeiros 7 ou 8 séculos da história da Igreja, somente imersão foi praticada. No tempo de Constantino o Grande, batistérios foram construídos em todas as grandes cidades da Europa, da Síria, e da África do Norte. Alguns ainda existem, e outros estão sendo desenterrados na África. Ciril, o bispo de Jerusalém, no ano 358, explicou exatamente como o batismo era administrado. O candidato, depois de fazer certas confissões, foi imerso três vezes no nome da Santa Trindade.

Entre o grupo dos primeiros missionários que Gregório o Grande, bispo de Roma, enviou à Inglaterra no ano 597, para converter os ingleses pagãos, era Paulino, depois Arcebispo de York. Ele batizava muitos candidatos no Rio Swale num lugar que conheço, e depois no Rio Trent. Eles então praticavam o rito, imergindo candidatos três vezes, no nome da Trindade. Os missionários celtas da Irlanda batizava por uma imersão. Quando os missionários destes dois partidos se encontraram, seguiu uma contenda sobre esta diferença do número de imersões e também acerca do dia próprio para celebrar a Páscoa. Se os leitores desejam saber

como esta última questão foi resolvida, devem ler o livro HISTÓRIA DO CRISTIANISMO.

Séculos depois, quando não havia mais pagãos nas cidades da Europa, para serem batizados, e também o batismo de crianças tornou-se costume geral, aspersão foi sancionada pelo papa, como resultado os batistérios foram usados como capelas.

Os protestantes seguiram o exemplo dos católicos, usando aspersão, embora todos admitem que imersão era o costume primitivo.

Para a maior parte de cristandade hoje, o modo do batismo é um assunto sem importância, porque as verdades do capítulo seis de Romanos não são ensinadas nem praticadas. Nosso desejo, porém, é que a mocidade cristã do Brasil entenda, e pratique estas verdades, quando batizados, porque tomam a responsabilidade perante o Senhor.

Se o irmão acha que o batismo não deve ser por imersão, como podem ser ensinadas as verdades baseadas no simbolismo de imersão—morte e sepultamento?

EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio
Editor responsável José Ferrelra de Andrade